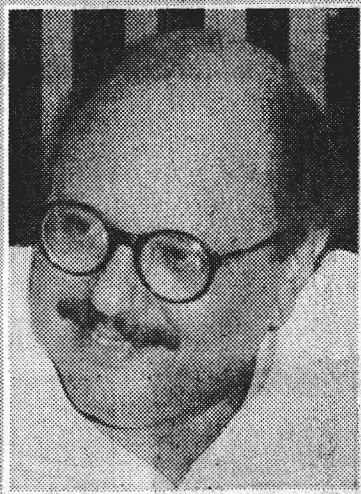


■ **Dionísio Carneiro**

O governo toma todo dia uma medida nova. E isso só aumenta a instabilidade

74



No estudo da desarrumação da economia, o problema básico continua sendo a questão da confiança na moeda. Se o governo fizesse um ajuste fiscal crível, não precisaria de financiamentos adicionais por emissão de títulos. Nesse caso, seguras de que o governo equilibrou suas contas, as pessoas recuperariam a confiança na moeda. O governo Collor, porém, não conseguiu sequer o ajuste fiscal necessário para que as pessoas acreditem que a situação no ano que vem não será mais grave que a deste ano. Só conseguiu fazer o ajuste de entrada, no ano passado, com uma série de medidas que só durou um ano.

A confiança na moeda nasce da comparação com outros ativos financeiros internos e externos. E o governo trabalhou bem nisso. Ele minou de tal maneira a confiança nos ativos que concorrem com a moeda que, em termos relativos, aumentou a confiança no cruzeiro. Ninguém confia muito nos títulos públicos e todos têm um medo danado de especular com dólar e ouro no curto prazo, porque o governo opera nesses ativos. De certa forma, o governo homogeneizou a desconfiança.

Sem a desejada confiança na moeda, o governo caminha espalhando a desconfiança nas regras de funcionamento do sistema financeiro, no sistema de contratos, na polícia, no INSS etc.. Essa é uma estratégia de alto risco. E o Plano Collor II foi um aprofundamento nesse sentido. Na realidade, o congelamento dos preços foi feito exatamente para atingir os agentes econômicos que, por desconfiarem da moeda, vinham aplicando nos seus estoques de bens. Assim, não é possível acreditar nem nos próprios ativos.

Mas essas são medidas provisórias, medidas de operação do sistema,

que não atacam o fundamental. O governo conseguiu estabilizar o paciente com uma série de drogas complicadíssima, com efeitos colaterais violentos. Como continua a injetar essas drogas no paciente, pode perdê-lo de vez para a vida útil. O que seria lamentável.

O atual acordo com os governadores também é uma maneira de esconder o fato de que não foi feito um grande ajuste fiscal no governo federal. Pior ainda, esconde o fato de que não adianta fazer um grande ajuste fiscal se os governos estaduais não participarem desse sacrifício. O governo não escolheu esse caminho. Na verdade, ele está escoando pelas portas que ficaram abertas. Afinal, não teve força para conter os bancos estaduais no seu primeiro ano de mandato.

A viabilidade desse governo se prende à possibilidade de anunciar o crescimento para a frente. Isso significa ter condições de financiar o programa de gastos públicos que qualquer recuperação vai requerer. É possível aumentar o nível de parceria com o setor privado no investimento em infra-estrutura, mas o governo não se livrará do problema do financiamento do gasto público, que surgirá inexoravelmente num programa de recuperação crescente.

Esse é o problema a ser enfrentado por meio de orçamentos consistentes. Não é preciso necessariamente aprofundar a recessão para ter a inflação em queda. Precisamos, sim, administrar a economia com um mínimo de confiança. Acontece que o governo todo dia toma alguma medida para reagir a alguma coisa. E isso só faz aumentar a instabilidade. O capital que esse governo mais utiliza é a confiança. Mas confiança é um capital que se está tornando progressivamente escasso.